

ARTIGOS

“SEXO TROPICAL”: COMENTÁRIOS SOBRE GÊNERO E “RAÇA” EM ALGUNS TEXTOS DA MÍDIA BRASILEIRA*

Adriana Piscitelli**

Resumo

Neste artigo exploro como alguns textos da mídia, que tratam do “turismo sexual”, apresentam diversas categorias de diferenciação social. Vários artigos publicados sobre este tema em revistas brasileiras de circulação semanal e mensal relacionam gênero, classe, “cor” e “nacionalidade” de uma maneira que resulta particularmente significativa quando contextualizados através de outros textos das mesmas revistas. O jogo de entrelaçamento/omissão destas categorias torna a leitura do material instigante à luz das discussões acadêmicas feministas recentes que, pondo cada vez mais em questão a centralidade necessária do gênero, consideram fundamental a incorporação de “outras” categorias de diferenciação social como “marcas” a serem contempladas na análise de contextos específicos.

Palavras Chave: gênero, raça, mídia, sexualidade, turismo, prostituição

* Recebido para publicação em abril de 1996. Uma primeira versão deste artigo foi apresentada no GT “Gênero e Raça”, XX Reunião Brasileira de Antropologia e I Conferência: Relações Étnicas e Raciais na América Latina, em abril de 1996.

** Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu, Unicamp.

Apresentação

O trabalho com a multiplicidade de “marcas” através das quais se “estabelecem” distribuições diferenciadas de poder é uma tendência que ganha cada vez mais adeptas na produção acadêmica feminista. Numa perspectiva antropológica, pensar na necessidade de explorar como “gênero”, “classe”, “etnicidade”, “nacionalidade” e quaisquer outras diferenciações sociais relevantes se constituem em contextos específicos pode parecer óbvio¹. E digo que pode parecer porque, de fato, esse interesse em articular “gênero” com outros marcadores de diferença social é pouco freqüente fora da produção das acadêmicas feministas. Entretanto, para as aproximações feministas que se constituíram outorgando centralidade ao “gênero”, chegar a esta multiplicidade foi o resultado de um percurso penoso, cheio de tensões e ambigüidades, ao longo do qual as “diferenças” entre mulheres foram destacadas incisivamente.

Alcoff e Potter sintetizam este percurso na epistemologia feminista assinalando que o reconhecimento crescente das muitas maneiras em que as relações políticas (isto é, relações desiguais de poder) estão implicadas nas teorias do conhecimento levou à conclusão de que as hierarquias de gênero não são as únicas que influenciam a produção de conhecimento. Segundo estas autoras, a autoridade cognitiva se associa a um conjunto de marcas que envolvem não apenas gênero, mas raça, classe, sexualidade, cultura e idade. Elas afirmam que a epistemologia feminista

não pode ser considerada como comprometendo-se com o gênero como eixo primário de opressão (...) ou colocando que o gênero é uma variável teórica que pode ser separada de outros eixos de opressão e é passível de uma análise

¹ Stolcke assinala e acho que com razão, que, contrastando com a preocupação feminista pela “raça”, o interesse pelo gênero está, em termos gerais, ausente da literatura recente sobre raça e etnicidade. STOLCKE, Verena. “Is sex to gender as race is to ethnicity?”. In: DEL VALLE, Teresa. *Gendered Anthropology*. Londres, Routledge, 1993, p. 23. A produção brasileira não é, neste sentido, uma exceção.

única. Se o feminismo deve liberar as mulheres, deve defrontar virtualmente todas as formas de opressão (...)²

As diversas perspectivas envolvidas nesta “nova” tendência convergem para sublinhar a multiplicidade de diferenciações possíveis, conferindo, entre elas, um lugar destacado à “raça”. Epistemólogas, historiadoras da ciência e antropólogas feministas coincidem em revestir de particular importância os efeitos desta “marca” específica. Nesta discussão, nem sempre o conteúdo da categoria “raça” resulta claramente delineado, particularmente nas perspectivas que contextualizam “raça” e “racismo” através dos parâmetros dos “processos étnicos”.³ Não há, por outra parte, um acordo absoluto no que se refere ao estatuto conceitual dessa categoria”.⁴ Porém, para

² As autoras chegam a conclusão de que, uma vez que as pesquisas revelaram um conjunto de opressões operando na produção do conhecimento, a identidade de gênero não pode ser compreendida adequadamente – nem percebida – senão como um componente de interrelações complexas com outros sistemas de identificação e hierarquia. ALCOFF, Linda e POTTER, Elizabeth. *Feminist Epistemologies*. Routledge, 1993, pp. 3-4.

³ Anthias e Davies, por exemplo, definem tanto “raça” como “etnicidade” em termos do estabelecimento de “fronteiras” (boundaries). As duas categorias são pensadas como marcadores que possibilitam pertencer a grupos específicos, envolvendo mecanismos de inclusão e exclusão. Estas autoras concebem a “raça” como uma das maneiras através das quais se constroem limites entre os que podem pertencer a uma comunidade e os que não, de acordo com diferenças **biológicas** ou **fisionômicas**. Essas diferenças podem ser expressadas na cultura ou no estilo de vida, mas têm sempre raízes na separação das populações seguindo alguma noção de traços hereditários. Porém, embora a “etnicidade” envolva, segundo as autoras, a construção social de uma origem como base para a comunidade, é uma construção que divide as pessoas em diferentes coletividades e comunidades de acordo com parâmetros heterogêneos baseados histórica, territorial, culturalmente ou, à maneira da “raça” **fisionomicamente**. ANTHIAS, Floya e YUVAL-DAVIS, Nira. *Racialized Boundaries. Race, Nation, Gender, Colour and Class and the Anti-racist Struggle*. Routledge, Londres, 1993, pp. 2-4 (destaques meus).

⁴ Pode ser elucidativo citar um par de exemplos de tradições disciplinares diversas. Entre as antropólogas feministas, Moore, nos esforços que realiza para compreender a “identidade de gênero” como construída e vivida, como produto dinâmico de tipos de agência e formas de subjetividade marcadas através de estruturas de diferenciação, outorga um lugar importante à “raça”. Considera que “raça”, assim

além dos desacordos, as autoras feministas convergem ao prestar atenção à "racialização", pensada como efeito de um modo cruel e complexo de operação das desigualdades, através do qual se excluem grupos corporalmente marcados.

Entretanto, não se trata apenas de afirmar a necessidade de trabalhar com a multiplicidade de diferenciações que "marcam" corporalmente determinados grupos. As acadêmicas feministas colocam a importância de perceber como elas se intersectam⁵. Segundo essas autoras, a questão não se resolve adicionando as diversas formas de opressão na configuração da condição da condição social das mulheres e das relações de gênero, mas percebendo sua interconexão⁶. Porém, nas análises, estas interconexões nem sempre resultam claras.

Minha proposta aqui é, precisamente explorar as possíveis intersecções entre diversas categorias de diferenciação num "universo" de representações específico: alguns textos da mídia brasileira que tratam da "venda" da sexualidade nacional aos estrangeiros⁷. Tomarei

como gênero, etnicidade, os princípios estruturantes de vida social humana devem ser especificados "em contexto". Segundo esta autora, em determinado momento, o racial pode adquirir prioridade sobre o sexual, em outro, a etnicidade pode operar como a diferença "que define" (*defining*). Entre as historiadoras da ciência, Donna Haraway pensa a "raça" numa perspectiva conceitual diferente. Para ela, trata-se de uma das categorias, assim como sexo, carne, biologia e natureza, que é importante historicizar na procura de compreensão das desigualdades. Entretanto, para historicizá-las, Haraway propõe a criação de **outra** categoria, num plano de análise diferente: os "aparelhos de produção corporal". MOORE, Henrietta. *A Passion for Difference*. Indiana University Press, 1994, pp. 49-50. HARAWAY, Donna. *Symians, Cyborgs and Women. The Reinvention of Nature*, Routledge, London, 1991, pp. 148 e 199-201.

⁵ Stolcke cita Harding e Moore assinalando que, nas culturas estratificadas por "raça" e gênero, gênero seria sempre também uma categoria racial e "raça" uma categoria de gênero. Harding se refere a exemplos concretos tais como políticas públicas sexistas, diferentes para pessoas do mesmo gênero mas de raça diferente e as políticas racistas, diferentes para homens e mulheres. HARDING, Sandra. *The Science Question in Feminism*. Cornell University Press, 1986, pp.22-23.

⁶ STOLCKE, Verena. "Is sex to gender..." Op.cit.,pp.22-23.

⁷ Devo a José Eduardo Gondim Borges Moreira o levantamento de parte substantiva do material que analiso neste texto. Agradeço a Mariza Corrêa e a Suely Kofes as

como referência artigos publicados na revista *Veja*, *ISTO É* e *Marie Clarie*, centrados no turismo sexual internacional e na prostituição de brasileiras no exterior, e uma reportagem realizada pela produção do “Fantástico”, transmitida pela *TV Globo*.⁸

Apesar de prestar atenção às especificidades destas matérias, considero a diversidade das observações nelas apresentadas como se tratasse de uma continuidade etnográfica.⁹ Não estou preocupada aqui com a influência da mídia na formação da opinião pública. Estou, simplesmente, considerando os textos, tanto os impressos como os textos utilizados na TV, escritos com o fim de serem lidos em voz alta, como expressão de uma maneira de pensar, entre outras, vigente na sociedade brasileira. Acho que o conjunto deles oferece uma aproximação interessante ao repertório de representações acionado quando o Brasil é pensado no contexto das relações transnacionais.¹⁰

fontes, material bibliográfico e a discussão de vários aspectos deste trabalho. Sou grata a Paul Thompson, Antonio Jonas Dias Filho e à produção do “Fantástico” pelas fontes que me facilitaram e a Rosilene Sydney Gelape pela sua disposição de “batalhar” pelo material. Agradeço também os comentários dos participantes do GT “Gênero e Raça” da XX *Reunião da ABA*, na qual apresentei uma primeira versão desse trabalho.

⁸ Me baseio, sobretudo, nos seguintes artigos : “Temporada de caça. Turistas Europeus escolhem Recife como capital brasileira do sexo pago e barato”. *Veja*, nº 1270, 13/01/93, pp.56-57; “ Sonhos de Verão. Garotas de Nordeste seduzem turistas estrangeiros e se prostituem na busca de oportunidade de deixar o país. Algumas se arrependem e não tem como voltar”. *Marie Clarie*, nº58, 1996, pp.32-38; e na reportagem sobre turismo sexual emitida no “Fantástico” em Janeiro de 1996.

⁹ Para uma discussão do trabalho com textos da imprensa como expressão das mentalidades de um período, assim como um espaço no qual estas mentalidades são formadas, ou, pelo menos, no qual estas cristalizam, vide PALLARES-BURKE, Maria Lúcia.” Aspectador in the tropics: a case study in te production and reproduction of cultura” *Comparative Studies in Society and History* 36(4): 676-701, october 1994.

¹⁰ O termo transnacional está sendo utilizado para problematizar políticas de mera localização global/local, ou centro/periferia, destacando, ao contrário, as linhas que as atravessam. Para as acadêmicas feministas que desenvolvem uma crítica a ausência das questões de gênero nas teorias de “sistema mundial”, a idéia de “transnacional” permitiria contestar essas divisões binárias. Possibilitaria também a compreensão dos laços que influenciam todos os níveis de existência social, de

O turismo sexual internacional não constitui precisamente uma novidade no País, mas só recentemente tem se convertido numa questão de extrema relevância mídia nacional. O Rio de Janeiro opera como pólo de atração de turismo sexual há várias décadas. Embora o Nordeste do Brasil tenha entrado nesse circuito num período relativamente recente, já na década de 1980 diversas ONGs e organizações de mulheres denunciavam a aumento significativo deste tipo de turismo.

Em 1987, baseando-se numa informação obtida num jornal do Recife, o *New York Times* chamava a atenção para o aumento de bordéis na cidade, associado aos novos vôos internacionais que começavam a chegar no Recife. O artigo mostrava também as críticas feitas pelas feministas brasileiras ao apoio oficial “a difusão da idéia de que as brasileiras estão esperando par vender-se aos estrangeiros”.¹¹ Entretanto, só nos anos 90 esse tema, considerado como um fenômeno crescente e preocupante, principalmente pela sua relação com a prostituição infantil, tem sido o centro de diversas notas, publicadas em jornais e revistas de circulação nacional e transmitidas em redes de televisão.¹²

maneiras diversas e historicamente específicas, ignorados pelas teorias de homogeneização cultural. GREWAL, Inderpal e KAPLAN, Caren. *Scattered Hemogenies, Postmodernity and Transnational Femin*

¹¹ “Recife Journal. Brazil’s Fleshpots Bring a Backlash” *The New York Times*, Tuesday, february 24, 1987, 4Y.

¹² Dois artigos que comento aqui foram chamada de capa: nas revistas ISTOÊ, em Janeiro de 1996 – vide referências completas na nota nº 5. Por outra parte, entrevistas com garotas que participam do turismo sexual no Nordeste foram transmitidas num programa dominical de ampla audiência da TV Globo, também em Janeiro de 1996. As revistas de atualidade *Veja* e *ISTOÊ*, com uma tiragem, em 1995, de aproximadamente 500.000 exemplares cada uma, se contam entre as mais lidas pela classe média brasileira. A Revista *Marie Claire*, versão nacional da *Marie Claire Internacional*, é destinada a um público feminino de classe média alta intelectualizado. *Marie Claire* é, até certo ponto, destoante entre as “revistas femininas” que circulam no Brasil, uma vez que se centra nas notas de atualidade que, geralmente, destacam as “diferenças”, dedicando, comparativamente, pouco espaço a moda, beleza e receitas de cozinha.

Sugestivos em muitos sentidos, os textos que escolhi para comentar aqui chamam a atenção para as relações peculiares estabelecidas particularmente nas areias do Nordeste, entre “estrangeiros” e “nativas”. Apresentando concepções sobre “prostituição”, “romantismo”, “pobreza”, “exotismo” e “mobilidade social” eles apontam para múltiplas diferenciações sociais. Entretanto, nestas narrativas, “cor” e gênero aparecem como categorias centrais – e indissociáveis – que operam mediando esta particular situação de “contato”.

Apresento em primeiro lugar, um a descrição das conceitualizações e diferenciações presentes nestes textos.¹³ Realizo, em seguida, algumas observações sobre a maneira como a “cor” é introduzida nos artigos. Concluindo, comento as categorias de diferenciação e suas interconexões à luz de algumas perspectivas teóricas feministas contemporâneas.

Personagens dos trópicos

Embora apresentando diversos graus de complexidade, as matérias que comento aqui estão organizadas de maneira semelhante. Nelas é construído um “panorama” do turismo sexual no Nordeste. O “problema” é descrito apresentando exemplos dos personagens envolvidos e “reproduzindo” trechos de seus depoimentos. As opiniões dos redatores, que nem sempre convergem entre si e que diferem, muitas vezes, dos personagens, permeiam notas. Em todas as matérias, as imagens desempenham um papel importante. Nas publicações, as fotografias ocupam boa parte do espaço das notas, reforçando o texto escrito. Na reportagem do “Fantástico”, o texto adquire significado no jogo que estabelece com as imagens e as vozes.

¹³ Embora este trabalho se baseie nas matérias já mencionadas, incorporo também material de :RODRIGUES, Pereira, Raimundo. “Em busca da infância perdida. A verdade e o mito sobre prostituição de crianças e adolescentes de sul a norte do Brasil.” *Veja*, nº 1331, pp.66-76; DAMIANI, Marco: “Borracheiras vão à luta...” Op.cit., pp.44-46; SEKLES, Flávia. “Dólares a go-go. Brasileiras dominam o mercado de dançarinas no Estado de Nova Jersey”. *Veja*, 9/09/1992,pp.67-71; MAINARDI, Diogo: “Cadê a festa? Música mexicana no sambódromo, compras no shopping e bailes sem foliões; é o carnaval dos estrangeiros no Rio”. *Veja*, nº 1225,11/03/1992,pp.52-55.

Sexo Tropical ...

Nas matérias publicadas nas revistas, as personagens femininas são construídas através de suas idades, origem e escolaridade. Os articulistas fazem poucas alusões direta à aparência física das garotas – “sorriso largo”, “morena bonita”, “dona de um bronzado dourado”. Na maior parte dos casos, a “aparência” das meninas é transmitida através dos comentários que os turistas fazem sobre elas, das percepções que os narradores têm sobre as preferências dos “estrangeiros” e através das fotografias que acompanham os textos.

As informações sobre a renda das jovens – entre R\$ 300 e R\$ 600 mensais – são oferecidas junto com o relato do seu cotidiano. As garotas são “humanizadas” através de brevíssimas histórias de vida que operam à maneira de explicação para o seu envolvimento com os estrangeiros. Nos textos desfilam pernambucanas, paraenses, cearenses, amazonenses, com baixíssima escolaridade e experiência de violência familiar. As garotas vítimas de abuso sexual são, sobretudo, muito pobres.

A imagem dos “turistas” é construída através da origem, idade, profissão e renda. Eles chegam de diversas partes da Itália, dos Estados Unidos, da Alemanha, da Holanda, da Suíça, e da Suécia e são muito mais velhos do que elas. Não há comentários sobre a escolaridade desses homens, mas a informação sobre suas profissões e condições de moradia permitem imaginar sua origem social: contadores, bancários, vendedores de peça de trator, barqueiros, padeiros e motoristas de caminhão que dividem, na Europa, apartamentos de um quarto com duas ou três pessoas. Esses turistas são considerados “pessoas de baixo nível, que gastam pouco e provocam problemas”, por um gerente de hotel entrevistado pela *Veja*, ou de “classe social baixa”, por uma antropóloga que na revista *Marie Claire*, traça o perfil dos turistas sexuais no Nordeste. No entanto, a renda desses estrangeiros – que oscila entre US\$ 1500 e US\$ 3000 mensais – supera muito a das garotas.

Nestes textos eles chegam ao Brasil procurando mulheres, mas têm nítidas preferências: garotas muito jovens, mulatas ou negras. Esse estilo de gosto não se limitaria aos europeus que chegam ao Brasil, os “exportadores” de meninas para o exterior afirmam que as

meninas “mais morenas” conseguem receber melhores salários no “Velho Continente”. As poucas alusões à “cor” dos “turistas” são realizadas contrastando sua “brancura” com a negritude das meninas. Na matéria especial de Rodrigues “Em busca da infância perdida...” publicada na Veja, em 1994, os estrangeiros são descritos como “(...) turistas loiros correndo atrás de garotinhas negras (...) turistas alemães, grandões e avermelhados, correndo atrás das mulatinhas pelas praias do Recife (...)”¹⁴

Outros homens e outras mulheres povoam as notas publicadas nas revistas. Vinculado de uma maneira ou outra ao turismo sexual, o universo masculino apresenta, geralmente, características negativas. Entre os estrangeiros, os “turistas”, que querem apenas “sexo fácil e barato”, enganam as garotas insinuando ou prometendo-lhes casamento e maltratando-as quando as levam para fora do país. Há também exportadores, “profissionais” e “amadores”, de brasileiras para o exterior. Entre os brasileiros, as garotas são exploradas por “sublocadores de vagas” para dormir na proximidade da beira-mar a preços exorbitantes, motoristas de táxi, donos de barracas e porteiros de hotéis.

O universo feminino é mais diversificado. Nos textos, todas as garotas desejam “melhorar de vida” e consideram os “gringos” o meio mais eficaz para o “ascenso social”. No entanto, se há, nas notas, garotas “sonhadoras” e “românticas”, que idealizam os “príncipes” como pessoas “mais puras” e cujo maior sonho é o casamento com um deles, também há “negociantes” convictas. Na opinião das articulistas da revista Marie Claire, algumas das jovens entrevistadas parecem ter um esquema de negócios muito claro. Considerando que os estrangeiros oferecem vantagens econômicas, os relacionamentos mais duradouros garantem vantagens e colocam a possibilidade de sair do país, a maioria delas não aceita “sair” com brasileiros.

As mais “esclarecidas”, entre as moças que distinguem negócio de sentimento, embora aceitem passar uns meses no exterior, não aceitam casamentos. Uma delas afirma “agora tudo é negócio para mim. Gosto mesmo é de ir para as boates e só quero curtir com a cara

¹⁴ RODRIGUES Pereira, Raimundo. “Em busca da infância perdida...” Op. cit., pp.66-76.

Sexo Tropical ...

dos gringos.” Por outro lado, nos textos, o interesse nos estrangeiros como possibilidade de ascensão social não se limitam as garotas mais pobres.

As notas apresentam mães que parecem estar mais interessadas no dinheiro que no bem-estar das filhas, apoiando “genros” que maltratam. Nelas aparecem, também, mulheres que através de diversas organizações, tentam compreender as moças, oferecendo-lhes todo o apoio para que possam “sobreviver melhor”.

Ao apresentar as personagens envolvidas no turismo sexual, a reportagem do “Fantástico” reitera muitos dos pontos levantados nos textos publicados pelas revistas. A invasão de turistas europeus – alemães, italianos e suíços – à procura de sexo nas praias do Nordeste; o contraste entre a idade avançada dos estrangeiros e a juventude das brasileiras; a participação de “locais” na exploração das mulheres; o sonho de ascensão social das jovens e a preocupação de algumas ONGs em protegê-las são alguns dos aspectos comuns destacados por todos os textos. Na matéria exibida na TV, o texto que acompanha as imagens não faz menção nenhuma à “cor”, o que a diferencia das notas publicadas nas revistas. Entretanto, esta distinção desaparece no jogo estabelecido entre o texto e as imagens: nele a “cor” desempenha um papel central.

Entre a prostituição e os “programas de verão”

Nos textos, as concepções sobre o turismo sexual não são totalmente homogêneas. “Temporada de caça...”, nota publicada em 1993 na revista *Veja*, apresenta o turismo sexual no Nordeste como uma modalidade específica de prostituição, “sexo barato para os europeus”, sem dar-lhe qualquer especificidade “nacional”.¹⁵ Isto é, em alguma medida, ilustrado com as palavras de um Secretário de Turismo que encerram a nota:

Não importa se o turista gasta seus dólares com prostitutas, nos hotéis de luxo ou num shopping center. O que

¹⁵ “Temporada de caça...”. Op.cit.

interessa é que eles deixem seus dólares aqui (...) afinal, existem prostitutas em qualquer lugar do mundo.

Segundo o narrador (ou narradora, anônimo, nesse caso), os *charters* que trazem esse tipo de turistas para o Brasil colocam o Nordeste “na rota do turismo sexual internacional, dominada por países orientais de baixa renda e alta oferta de corpos femininos, como a Tailândia e as Filipinas”. O risco envolvido nessa atividade seria, do mesmo modo que acontece em Bangcoc ou Manila, o aumento de portadores de AIDS. A associação entre o turismo sexual no Brasil e o que se desenvolve nesses países é reiterada na reportagem do “Fantástico” na qual se afirma que: “o Nordeste brasileiro surge como nova rota em função da epidemia de AIDS que ronda os países tradicionais do turismo sexual.”

Na apresentação que a Revista ISTOÉ faz das “Cinderelas das areias”, o padrão do turismo internacional no Nordeste é heterossexual e adquire especificidade num “romantismo” que o dota de sabor local. Este “romantismo” o oporia ao turismo sexual que se desenvolve no Rio de Janeiro, “profissional” e voltado, em grande medida, para homossexuais e travestis.¹⁶

O contato estabelecido através do turismo sexual no Nordeste é pensado como um meio termo entre a “prostituição” e o “namoro de verão”. A prostituição é definida como envolvendo um tratamento específico – exclusivamente sexual – para clientes de poucas horas, dinheiro e distanciamento do afeto. O namoro de verão envolve permanência – “toda a temporada” e, às vezes, correspondência entre um verão e o seguinte -, romantismo, carinho, passeios, sorvetes, boates e também sexo. Nas associações realizadas na nota, as(os) namoradas(os) “padrão” são “universitárias(os)” e “estudantes em férias”. As “cinderelas” apenas participam num jogo de aparência e ficção.

¹⁶ A heterossexualidade do turismo sexual no Nordeste é sugerida também na reportagem do “Fantástico”, não só através das imagens e depoimentos das personagens mas também contrastivamente. O único momento em que as imagens mostram estrangeiros “agarrando” nativos muito jovens é quando mostram cenas deste tipo de turismo nas Filipinas.

Nesta matéria, as garotas estabelecem com seus “príncipes” relacionamentos que têm pontos de contato com os das “profissionais”. No entanto, o que as aproximaria das “namoradinhas de verão” seria o romantismo, o fato de que, embora “cobrem porque precisam comer”, são movidas pela ilusão de casar e investem de afeto o relacionamento. As palavras de um italiano são utilizadas para ilustrar a particularidade desses relacionamentos: “Essas meninas não são prostitutas. Elas nos tratam com um carinho que jamais encontrei na Europa”.

Nenhuma das matérias ignora a prostituição infantil associada ao turismo internacional. Esse tema, apenas mencionado na rota da revista *Veja*, ocupa um pequeno box na revista ISTOÉ que oferece a estarecedora informação de que aproximadamente 60% das meninas que procuram os turistas – segundo um estudo do Núcleo Cearense de Pesquisa sobre Criança – têm de 13 a 16 anos. Desse total, 30% começaram a prostituir-se com 11 anos. No texto, esta parte do turismo sexual é considerada, isso sim, nada romântica. Este tema é tratado com maior profundidade na nota “Aberta a temporada do turismo sexual...”, da revista *Marie Claire*, que não apenas lhe dedica um espaço maior como vincula permanentemente “pornoturismo” à prostituição infanto-juvenil.¹⁷ Esta relação está presente também na reportagem do “Fantástico”, na qual se afirma que a presença dos estrangeiros é considerada uma das causas do alto índice de prostituição infantil.¹⁸

¹⁷ Aliás, precisamente esta nota é, entre as analisadas, a que constrói o “problema” do turismo sexual no Nordeste com um grau maior de complexidade, apresentando uma diversidade mais ampla de perspectivas e chamando a atenção para o esquema complexo deste padrão turístico que inclui não apenas “pacotes” com direito a levar uma “morena” para casa, mas também “encontros” e “casamentos” arranjados através de anúncios de brasileiras no exterior.

¹⁸ A relação causal entre turismo sexual e prostituição infantil no Brasil é bastante discutida, entre outros motivos, porque a prostituição infantil é amplamente difundida no país e em regiões não freqüentadas pelos turistas. Entretanto, entre os adeptos ao turismo sexual internacional parece, de fato, ser pouco relevante o fato de manter relações com crianças ou até com meninas escravizadas. Transcrevo aqui um parágrafo publicado no jornal inglês *The Guardian*, november 13, 1995, news3. “Conselho para viajantes colocado na Internet para visitantes freqüentes a Bangkok: Sim, há escravidão em Bangkok. Algumas garotas trabalham contra a sua vontade. Entretanto, a maior parte não o faz: poderiam ter facilmente escolhido outros empregos. As garotas ‘reclusas’ geralmente se encontram em hotéis por hora – se

Na construção dos textos, as garotas, que já foram vítimas de violência familiar, muitas vezes sexual, são vítimas ocasionais da violência dos turistas no Brasil e objeto freqüente de maus tratos dos estrangeiros quando deixam o país. No entanto, elas aparecem como vítimas, sobretudo, da miséria.

Nas palavras de entrevistadas pela revista ISTOÉ: “Em casa de família meu destino seria pior ainda. Iria ganhar um salário e teria que transar de graça com o patrão, normalmente um velho gordo e pelanquento”; “O pior que me pode acontecer é eu virar puta na Suíça. Pelo menos vou ganhar alguma coisa. No Brasil não ganho nada nem tenho como ganhar.”

“Cor”, gênero e localização: intersecções

Na construção dos textos, dois fatores fundamentais empurram as meninas para a prostituição: a situação estrutural de extrema pobreza e uma configuração particular e altamente desigual de gênero. Esta se expressa na erotização de corpos femininos muito jovens e na violência sexual da qual são vítimas as meninas, geralmente no seio da família. Entretanto, nas matérias, o mercado do turismo sexual internacional apresenta um quadro complexo de interrelações. Compreender como o gênero opera nesse quadro exige vinculá-lo a outras diferenciações, particularmente “cor” e “nacionalidade”.

Sob o título “Prato principal: morenas”, as articulistas da revista Marie Claire sublinham as diferenças entre os principais protagonistas do turismo sexual no nordeste:

Restaurantes e casas noturnas transformaram-se em locais de encontro de estrangeiros e nativas – a brancura dos visitantes e sua faixa etária avançada (35 a 50 anos ou

isto é um problema para você, simplesmente mantenha-se afastado dos hotéis por hora. Uma outra maneira de lidar com isto é, claro, ser um cavalheiro e fazer com que a garota passe um momento agradável, seja ela escrava ou não. Sim, há prostituição infantil. Tem-me oferecido meninas de 9 anos, e, com freqüência, de 14. Mas tenha presente que a garota Thai parece mais jovem que a sua contraparte Ocidental.”

Sexo Tropical ...

mais) contrastando com a pouca idade, visível pobreza e negritude das mulheres procuradas.

Nesta como nas outras notas publicadas nas revistas, a “cor” das nativas sempre aparece destacada em relação aos estrangeiros: trata-se de caracterizar as mulheres que eles preferem ou de mostrar a maneira como eles as concebem.

Os articulistas consideram as garotas que participam no turismo sexual alternativamente como “negras”, “mulatas” ou “morenas”. Nas falas dos estrangeiros elas aparecem sempre como “morenas”. Nas fotografias que acompanham estes textos, essas jovens apresentam tipos físicos diversos. Entretanto, os narradores não parecem estabelecer correlações entre a tonalidade da pele, tipo de cabelo, a forma dos lábios ou do nariz, sinais “fenotípicos” freqüentemente utilizados para classificar as pessoas segundo sua “aparência”, e os termos que utilizam para falar das meninas.¹⁹

Esses termos, utilizados em relação aos “estrangeiros” parecem remeter “tonalidades”.²⁰ A “cor” parece tornar genericamente “escuras” (ou “morenas”) as brasileiras muito jovens e pobres, quase sempre nordestinas, dispostas a manter relações sexuais com estrangeiros em troca de dinheiro, refeições, presentes e viagens ao exterior.

O texto lido na reportagem do “Fantástico” omite a “cor”. Entretanto, nesta matéria, a ausência da explícita associação entre “cor” e feminilidade nativa presente nos textos publicados nas revistas contrasta com o contraponto que as imagens realizam entre os sinais fenotípicos de “estrangeiros” e “nativas”. O jogo estabelecido entre as

¹⁹ As imagens reproduzidas nos textos que analiso neste artigo são fundamentais para perceber a pouca relevância dessas correlações. Lamentavelmente, foi impossível inclui-las uma vez que as revistas *Marie Claire* e *ISTOÉ* informaram não ter condições de autorizar a reprodução de imagens de pessoas que tinham concordado com que suas fotografias aparecessem exclusivamente nestas revistas.

²⁰ Estou considerando a diferença estabelecida por Kofes entre “termos de cor descritivos”, que levam em conta as mínimas diferenças para descrever, identificar pessoas, e os “categóricos”, que possuem autonomia em relação a esses sinais e remetem a uma classificação. KOFES, Suely: “Entre nós, os pobres, eles, os negros”. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, IFCH, Unicamp, 1976, pp.72 e 97.

imagens e o texto sugere relações análogas às estabelecidas nas revistas.

Um trecho do começo da matéria permite ilustrar esta afirmação. A voz grave do apresentador lê o texto que reproduzo na coluna esquerda. Na coluna direita descrevo as imagens que se sucedem rapidamente.

Tabelas

VOZ	IMAGENS
“...Como pássaros que migram no verão os turistas do sexo viajam em pequenos bandos. Eles chegam ao Brasil em aviões fretados. São homens solitários...	Dois homens desalinhados e suarentos, de cabelo loiro, liso e pele muito clara, na faixa dos quarenta anos.
que vêm atraídos pela imagem de um país tropical...	Duas grandes fotografias, uma ao lado da outra mostram corpos femininos. Parecem ser propagandas de turismo. Na parte superior, em grandes letras vermelhas lê-se: Brasil. Na fotografia da direita há duas moças, lado a lado, com trajes mínimos de carnaval: os seios nus, colares, tangas brilhosas, luvas com penas e grandes enfeites na cabeça. As duas tem cabelos compridos e escuros, uma é de pele muito escura, a outra um pouco mais clara, entretanto, bem mais escura que a dos homens da imagem anterior. Na fotografia da esquerda há também dois corpos femininos. Nesta imagem, nenhuma das mulheres têm a pele muito escura. Delas se exhibe apenas uma parte, entre os cotovelos e as coxas. Uma está de frente; a outra, de costas. As duas vestem tangas vermelhas. Na que está de frente o destaque o destaque é para as cadeiras largas e sinuosas. A que está de costas mostra uma bunda redonda e arrebitada na qual se perde um “fio dental”.

Sexo Tropical ...

VOZ	IMAGENS
cheio de mulheres semi-nuas.	A tela volta a ser ocupada por fotografias. A primeira mostra um grupo de mulheres jovens numa praia lotada. Duas delas de costas, uma de frente e a outra de perfil. Todas têm biquínis mínimos que deixam à vista coxas largas e bundas volumosas. Todas têm a pele muito escura, de uma intensa cor achocolatada. A imagem volta a mostrar as garotas vestidas de carnaval, aproximando-as da câmara, destacando o contraste com a cor das duas. A imagem seguinte mostra quatro jovencinhas entrando no mar. Todas de costas, pele clara e cabelos escuros, seus biquínis mostram corpos mais esguios, bundas mais estreitas.
	Imagem do interior de um aeroporto. Um homem loiro, alto, fornido, cabelo claro e liso, pele clara, óculos e paletó, aparentando entre trinta e quarenta anos, é abraçado por uma mulher de pele escura e cabelos pixaim. Um homem branco, de escassos cabelos brancos e bigode também branco, aparentando mais de sessenta anos, conversa com uma garota jovem de cabelo muito encaracolado, e pele escura.
À espera dos estrangeiros.	O homem de óculos e paletó se abraça agora com a moça que instantes antes conversava com ele. A imagem mostra a moça de costas. As mãos abertas do homem primeiro se apóiam levemente em cima da bunda da moça e imediatamente uma delas se introduz nela

VOZ	IMAGENS
Este alemão reconhece que veio ao Brasil em busca de sexo. Para ele, a mulher brasileira, para além de muito bonita, é liberal, aberta e fácil de se relacionar...	Homem loiro, pele branca, olhos verdes, óculos, camisa colorida, aparentando entre 30 e 40 anos fala para a reportagem. Sua imagem é acompanhada da seguinte legenda: Hans Fessner, mecânico.

A matéria do Fantástico parece sintetizar, através da rápida sucessão de imagens, os atributos das “morenas” retratadas nos textos publicados nas revistas: formas sinuosas, bundas arrebitadas e peles mais ou menos escuras, de diversas tonalidades que contrastam com as dos “estrangeiros”.

De maneira análoga, nas matérias das revistas, os “estrangeiros” são considerados, genericamente, “brancos”. Mas não se trata aqui de quaisquer estrangeiros. De diversas nacionalidades, eles chegam dos “ricos” países do “Norte”. Embora os turistas sexuais sejam considerados como integrantes das “classes baixas”, a localização estrutural de seus respectivos países nas relações transnacionais está diretamente associada à posição vantajosa que eles assumem no relacionamento com as “nativas”. Isto não apenas porque os salários das “classes baixas” européias superam em muito os das “classes baixas” brasileiras senão porque, para as garotas, esses estrangeiros representam a possibilidade de ingresso aos países onde imaginam ver-se livres da miséria. Desta maneira a “cor”, considerada nos textos como uma das diferenças significativas no contato entre “estrangeiros” e “nativas”, adquire sentido na sua intersecção com “nacionalidade” ou, o que talvez seja mais apropriado, com “localização”.²¹

²¹ Tal como é concebido por Parker, o termo nacionalidade, igual que gênero, é relacional. Sua “identidade” deriva de um sistema de diferenças. PARKER, ^a et alii: *Nationalisms and Sexualities*. Routledge, New York, 1992. No entanto, acho que no caso “localização”, como termo que aponta para o contexto no qual as nacionalidades estão “interagindo”, poderia ser mais adequado.

Entretanto, nestes textos, “cor” e gênero não podem ser separados. A “cor” está intimamente associada às concepções sobre a feminilidade “nativa” expressas pelos “turistas”. As associações que dão sentido ao ser “morena” e, ao seu par oposto, o ser “branco” e os atributos associados a cada termo mostram a interconexão entre umas e outras diferenciações.

Nas matérias, a imagem das “morenas” é associada a um conjunto de atributos nos quais o gênero, entendido como conceitualizações que têm como referência o que se percebe como diferenças sexuais, está sempre presente. Elas corporificam o “exotismo tropical”, tornando-se, nas palavras dos “turistas”, de maneira análoga ao clima e às paisagens, a expressão concreta de uma natureza exuberante.²² Neste sentido, é sugestivo perceber que os termos com os quais são descritos os “paraísos naturais” brasileiros em notas sobre o ecoturismo são, muitas vezes, os mesmos com os que são descritas as “morenas”.²³

Os atributos associados com as garotas brasileiras são apresentados como características de temperamento. *Experts* em turismo sexual internacional afirmam que, em seus países, “(...) não existem garotas como as morenas brasileiras, alegres e sensuais”. Conhecedores do sexo na Jamaica, em Bali, na Tailândia e na África declaram que elas são ‘insuperáveis’, ‘novas, carinhosas, quentes e submissas’. ‘São as melhores mulheres do mundo’ pois, além de serem ‘quentes’, ‘mexem’ de uma maneira especial com os homens”. Nas palavras de um estadunidense, entrevistado pela revista *Marie Claire*, “...as mulheres aqui realmente gostam de ser comidas. Qualquer coisa que você deseja, você tem.” Por isso, ele reflete, “aqui me sinto como se tivesse morrido e ido para o paraíso”. Na interpretação da *Veja* os

²² Na nota “Programa Tropical” publicada na revista *Marie Claire* – vide nota 9 – o Brasil é apresentado como espaço no qual os turistas internacionais procuram “exotismo”. No caso específico dos turistas sexuais esse exotismo associado às **“fantasias eróticas inconfessáveis”** que, entre outras coisas, envolvem crianças, “garotas que mal saíram da puberdade”.

²³ Vide, por exemplo, a matéria especial: “Santuários do Brasil ecológico. Quais são, onde ficam, como chegar, o que fazer nas onze jóias mais valiosas do ecoturismo nacional”. *Veja*, 7/12/1994, pp.88-109.

estrangeiros procuram sexo, sim, mas temperado pela docilidade e até afeto que não encontram entre as emancipadas prostitutas do Primeiro Mundo.

Alegria, sensualidade, juventude, afetuosidade, submissão, docilidade, enorme disposição para o sexo e uma certa passividade caracterizam as “morenas brasileiras”, delineando uma feminilidade particular e intrigante. Nela se entrelaçam aspectos considerados como “tradicionais” da sexualidade feminina em muitas culturas ocidentais – passividade, submissão, receptividade – e atributos recorrentemente associados à figura da “mulata” no Brasil – pensada como passional, sensual, voluptuosa, até imoral, mas também ingênua e amorosa.²⁴ A feminilidade “nativa” aparece construída em oposição à européia – “emancipada”, mesmo em se tratando de prostitutas -, mas a “cor”, e é para isso que quero chamar a atenção, faz parte dessa oposição.

Nos textos, se estabelecem algumas reações entre “estrangeiros”, “pureza” e “bons sentimentos”. Entretanto, a maioria das associações relacionam a (implícita) “brancura” desses homens com dinheiro ou a promessa de uma vida melhor. E assim como as garotas corporificam uma versão exótica do “paraíso”, aos olhos das meninas, os turistas também o fazem. É claro que se trata de um paraíso de conotações completamente diferente do concebido pelos “estrangeiros”: para elas é um lugar seguro, sem miséria nem violência, e é a vida no contexto de uma família. Para a maioria delas, esse paraíso é a Europa. Uma das entrevistas da ISTOÉ afirma: “Um dia vou casar com um homem de olhos azuis. Casarei na Europa, onde os pais não costumam espancar os filhos. Terei uma casa grande, com jardim bonito e três filhos.”

Na maioria absoluta dos depoimentos das garotas não há preferência por “nacionalidades”, sempre que se trate de homens dos países “do Norte”. – segundo as articulistas, elas se recusam a “sair” com brasileiros . além disto, e contrastando com a visão mais

²⁴ Para uma discussão destes atributos em algumas obras da literatura brasileira vide NUNES< Maria Luisa. “Images of the Woman of Color in Brazilian Literature: O Cortiço, Clara dos Anjos, Gabriela Cravo e Canela and O Quinza.” In: STEADY, Filomena (ed.). *The Black Woman Cross-culturally*. Vermont, Schenkman Books, 1985. A autora discute as construções da mulata em textos de Aluizio de Azevedo, Lima Barreto, Jorge Amado e Raquel de Queiroz.

Sexo Tropical ...

sexualizada que os estrangeiros parecem ter delas, as jovens manifestam pouco interesse na potência sexual dos estrangeiros. A única exceção é, precisamente, a entrevistada menos "pobre", a única mulher que nas notas lucra indiretamente com o "turismo sexual". Ela procura seu príncipe em anúncios na Alemanha e explica para a revista *ISTOÉ* sua escolha de país: "Os alemães são menos exigentes que os italianos. Transam uma vez por semana e se sentem satisfeitos."

Nas matérias, a síntese particular que os "estrangeiros" fazem dos atributos associados às "morenas brasileiras" remete a uma construção da sexualidade na qual a desigualdade social recebe uma carga erótica intensa. Sob o aparenta elogio à sensualidade – que parece sintetizar a imagem do Brasil no exterior em outras matérias, como a sob o título "Efeito Brazil" mostra uma bunda volumosa e arrebitada – as brasileiras soa inferiorizadas e até desumanizadas. Isto resulta claro na última parte das histórias daquelas que conseguiram o acesso ao "paraíso".

Nos textos, os atributos associadas a gênero e "cor" operam como nós centrais na construção do desejo dos "estrangeiros", atraindo para o desejo ambíguo entre prostituição e namoro que se estabelece no Brasil. No entanto, estes atributos também aparecem como fundamentais na legitimação e rejeição, violência e maus tratos de que são objetos as meninas.

Nas narrativas, os "príncipes" geralmente viram "canalhas" quando se tornam "locais" e, sobretudo, quando o relacionamento adquire ares de conjugalidade. As moças, acusadas de serem "ladras" e "prostitutas", são espancadas, descobrem que eles são maníacos sexuais – chegam até a transar com as próprias filhas – passam frio e necessidades e perdem os filhos. Nas palavras de uma pernambucana que fala da sua experiência com um marido alemão `a revista *Marie Claire*:

(...) não posso generalizar, mas para muitos alemães todas as brasileiras são prostitutas. Eles (...) iludem as meninas e acabam convencendo muitas a ir com eles. Na Alemanha,

maltratam e batem(...) os alemães não acham estranho bater em brasileira. O problema é se ela morrer.²⁵

Exotismos...

Nas notas da revista *Veja* e *ISTOÉ* sobre prostituição publicadas entre 1992 e 1996, a “cor”, longe de ser diferenciação constante tende a participar da construção da prostituição apenas quando há “outra” nacionalidade em jogo. De maneira análoga às matérias que tratam do turismo sexual internacional no Nordeste, os textos que tratam da prostituição hetero ou homossexual em outras partes do país tendem a marcar a “cor” na situação de interação entre nacionalidades. Nestas notas os europeus aparecem, recorrentemente, procurando “mulatos”, “crioulos” e “morenas”.²⁶

De modo geral, as matérias que tratam de outros temas, tais como o sucesso de brasileiras e brasileiros no exterior ou de brasileiros contratados no estrangeiro, também tendem a marcar a “cor” no contexto das relações entre nacionalidades, contrastando com a maneira com que esta é, freqüentemente, invisível em notas

²⁵ O deslocamento entre a sensualidade inata, pensada como atributo inerente as brasileiras, e sua caracterização com prostitutas é recente nas matérias. A nota “Dolores a go-go. Brasileiras dominam o mercado de dançarinas de Bar no Estado de New Jersey” apresenta as dançarinas como privilegiadas nesse mercado, num primeiro momento, “graças ao rebolado mundialmente famoso”. Entretanto, esse espaço teria sido perdido logo, pois elas passaram rapidamente a ser consideradas prostitutas. Nas palavras de colegas e empregadores: “não competem lealmente... se exibem demais... por um dólar mais...” *Veja*, nº 1251, 09/11/92, pp. 68-71.

²⁶ Faço esta afirmação baseando-me nas seguintes matérias: “Vassoura na rua. Prefeito põe fim à prostituição e emprega as mulheres como garis.” *ISTOÉ*, nº 1287, 1/6/94, p. 17-18; “Sindissexo No Brasil, prostitutas e travestis se unem pela profissão mais antiga do mundo”. *ISTOÉ*, nº 1286, 26/05/94; “Garotos de negócio – Michês relatam sua iniciação no mundo da prostituição e os meandros deste comércio.” *ISTOÉ*, nº 1312, 23/11/94, pp. 48-50; “Copacabana não engana, personagens bizarros povoam a noite de um dos bairros mais famosos do mundo”. *ISTOÉ*, nº 1345, 12/07/95, pp. 48-50; RODRIGUES Pereira, Raimundo. “Em busca da infância perdida...”. Op. cit., pp. 66-76; DAMIANI, Marco: “Borracheiras vão à luta...” Op. cit., pp. 44-46.

semelhantes que tratam de brasileiras/os no país.²⁷ Entretanto, a maneira em que ela é construída nos textos que tratam da prostituição a torna particularmente interessante para explorar a relação entre “exotismo”, “racialização” e gênero.

Leclerc chamou a atenção para a relação para o processo de tornar o Outro “exótico” e a impossibilidade de perceber “interioridade real” das culturas, características da visão imperial. O autor afirma que essa visão não seria pura e simples negação dos “outros”: a diversidade cultural seria convertida em algo a ser degustado... “explorar apenas o outro é pouco. É necessário ainda saboreá-lo como tal.”²⁸

A influência das perspectivas imperiais nas atitudes culturais do presente, particularmente no que se refere à atualização das velhas divisões que ressurgem nas relações Norte-Sul, é, hoje, tema de um intenso debate.²⁹ Nele se insere a discussão sobre o turismo internacional nos países do Sul. Este estilo de turismo é pensado como “arena” na qual se intersectam movimentos de privatização da economia, construções imperiais de masculinidade e feminilidade e, também, construções “nacionais”. Nas palavras de Alexander, para quem o turismo internacional se baseia numa sexualização da terra e das pessoas, na qual Alteridade é pensada como instrumento de

²⁷ Uma afirmação mais contundente exigiria uma pesquisa mais aprofundada. Entretanto, esta tendência pode ser conferida em diversas notas que tratam de brasileiros no exterior. Veja-se, por exemplo, “A musa carioca das pistas. Após anos vivendo como corista na Itália, a ex-bancária Olga Maria chega ao sucesso na pele de Corona”, (*Veja*, 27/07/1994, p.111) na qual Olga Maria é descrita como “mulata de cabeleira em estilo jamaicano...mulher, negra e imigrante”; “A voz do imigrante. Eleita vereadora de Berlim, psicóloga carioca se identifica como três bandeiras numa só pessoa: mulher, negra e estrangeira”. *Veja*, nº 1416, 1/11/95, P.7; “Com o pé na fam. Uma baiana de 14 anos, a melhor brasileira, vai disputar o concurso mundial da Elite em Ibiza”. *Istoé*, nº 1301, 07/09/1994, p.64, que apresenta “à mulata Cláudia Menezes”; ou, “Da areia para as passarelas”, *Istoé*, nº 1322, 01/02/95, p.50, nota que narra como um “moreno alto, bonito e sensual... caiu nas graças de um estilista francês.”

²⁸ Citação de Berque em LECLERC, Gérard. *Crítica da Antropologia*. Editorial Estampa. Lisboa, 1973, pp. 33-34.

²⁹ Vide SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. Companhia das Letras, São Paulo, 1995.

prazer: “As fantasias européias de conquista colonial, o exótico, o erótico, o escuro, o perigo, medo, desejo convergem nas praias virgens e traçados através de contornos da geografia imperial”.³⁰

Os textos aqui analisados sugerem relações com as perspectivas que pensam o turismo sexual internacional como expressão de concepções “imperiais”. Elas são particularmente evidentes nas matérias que tratam da prostituição na perspectiva da interação entre nacionalidades. Estas coincidem ao mostrar habitante do “Norte” subordinado – através do “consumo” – a sexualidade “nacional”. Nesse processo de subordinação ela é feminilizada, embora nem sempre se trate da “venda” de mulheres. O “exótico”, construído através da associação “cor”/sexualidade, participa nesse jogo de subordinação/feminilização.

Essa construção permeia tanto as notas sobre prostituição homossexual envolvendo estrangeiros, como as que tratam turismo sexual do turismo sexual internacional do Nordeste. Nessas últimas, os europeus, numa espécie de atualização do “racismo colonial”, inferiorizam as garotas brasileiras racializando-as através da linguagem na qual “cor” e temperamento constituem elementos indissociáveis da feminilidade “nativa”.³¹

Entretanto, seria simplista considerar que esse processo de tornar as/os outra/os “exóticos”, sexualizando-as/os é um caminho de mão única e restrito exclusivamente aos habitantes do “Norte”. As

³⁰ ALEXANDER, M. Jacqui. “Not just (any)body can be citizen: The politics of Law, Sexuality and Postcoloniality in Trinidad and Tobago and Bahamas”. *Feminist Review* (48), autumn 1994.

³¹ Anderson assinala que o racismo colonial foi um elemento fundamental na concepção do Império. Este operava através de um princípio generalizador de uma superioridade inata, herdada. A idéia subjacente é que os *lords* ingleses eram superiores aos ingleses comuns. Estes, por outra parte, eram superiores aos “nativos”. Anderson acha tentador afirmar que a existência dos últimos impérios coloniais pareciam confirmar num estágio moderno e global concepções muito antigas sobre poder e privilégio. ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities. Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. Londres, Verso, 1983.

matérias deixam transluzir a complexidade ao “auto exotismo”.³² Nos textos alemães, suecos, suíços, estadunidenses e italianos procuram “mulatas”. As jovens brasileiras, entretanto, tiram partido do que é considerado como tipo “moreno”, construindo-o e acentuando-o, para “colocar no exterior”.

Uma leitura atenta do conjunto de matérias que tratam de prostituição no Brasil mostra que elas também apontam para as “marcas” através das quais são sexualizadas as mulheres destinadas ao consumo “nacional”. É preciso destacar que, na venda “interna” da sensualidade nacional, opera também um sistema de representação do exótico que torna as/os “outras/os” vendáveis. Porém, as relações em jogo estão longe de espelhar as que estabelecem entre as brasileiras e estrangeiros.

Nas matérias que tratam do turismo sexual internacional, a “cor” evoca as tonalidades associadas ao “afro-brasileiro”. Os textos que apresentam a prostituição envolvendo apenas brasileiros e brasileiras apontam também para “marcas” e noções do “exótico”. Porém, as jovens que chama atenção dos brasileiros não são “mulatas”. Nos anúncios destinados a eles, além das “loiras de olhos verdes” predominam as “orientais”, “sanseis” ou “mestiças”, filhas de “ciganos” e até de “índios”.³³

Num jogo sugestivo, como se os textos assumissem algum grau de “morenidade” intrínseco aos “nacionais”, o exotismo “interno” é corporificado em “outras” diferenças, no caso, “étnicas”.³⁴ Entretanto, é

³² Materiais diversos mostram o auto exotismo na construção que as “mulatas” brasileiras fazem de si próprias. Vide DIAS FILHO, Antonio Jonas: “As mulatas que não estão no mapa” (publicado neste caderno) sobre a “auto construção da “morena jambo”, produto de “exportação” da Bahia e GIACOMINI, Sônia Maria: “Aprendendo a ser mulata: um estudo sobre a identidade da mulata profissional”. In: COSTA, Albertina e BRUSCHINI, Christina. *Entre a virtude e o pecado*. Rio de Janeiro, Fundação Carlos Chagas/Rosa dos Ventos, 1992.

³³ “Embalos lap dance... A onda que já chegou”. *ISTOÉ*, nº 1372, 17/1/96, p.64.

³⁴ Marta Savigliano realiza um histórico excelente das “manufaturas” dos exotismos – e suas hierarquizações –, mostrando sua relação com os graus de distribuição do poder mundial. Vide: SAVIGLIANO, M. *Tango and the Political Economy of Passion*. San Francisco, Westview Press, 1995; MOORE, Henrietta. Op. cit., p. 50.

interessante notar que, nesses casos, nem todas essas diferenciações se relacionam com grupos considerados como “inferiores”.

Concluindo

O debate feminista afirma a importância de observar como as diversas formas de diferenciação social que interagem com o gênero se imbricam mutuamente. Decorrente dessa afirmação, há uma outra: a necessidade de perceber que, embora seja possível falar sobre prioridades ou determinações entre conjuntos de diferenças, nunca será possível separá-las.³⁵

Apesar de exploratória, a análise dos textos que acabo de apresentar sugere que, nesse caso específico, as diversas categorias de diferenciação adquirem sentido precisamente nas intersecções entre elas. Nos textos, as configurações de poder que favorecem os “estrangeiros” são tecidas no cruzamento gênero/“cor” e nacionalidade (ou localização). Não estou ignorando as desigualdades geracionais nem de classe. Entretanto, considero que, no caso, as primeiras fazem parte da configuração de gênero e as segundas estão englobadas na situação mais complexa que estou chamando de localização. Nessas mesmas intersecções as “nativas” tentam “negociar” seu “ascenso social”. Penso em negociação no sentido em que Spivak dá a esse termo: como a alternativa de se alterar algo que se é obrigado a viver; para ser eficaz nesse empreendimento é preciso preservar essas estruturas em lugar de destruí-las. Na perspectiva da “sensualidade tropical”, apresentada nas notas, as brasileiras bem sucedidas são aquelas que, assumindo e explorando a associação íntima entre “cor” e “feminilidade nativa” que elas supostamente encarnam, ingressam na prostituição no exterior.

³⁵ SPIVAK, Gayatri. *Interviews, Strategies, Dialogues*. Routledge, New York, 1990, p. 86.

Sexo Tropical ...

**“TROPICAL SEX”:
COMENTARIES ON GENDER, “RACE” AND OTHERS MARKS OF SOCIAL
DIFFERENTIATION IN SOME TEXTS OF BRAZILIAN MASS MEDIA.**

Abstracts

Here I explore how some media texts focused on “sexual tourism” present diverse categories of social differentiation. Brazilian weekly and monthly magazines’ articles on this issue relate gender, class, “colour” and nationality in a particularly significant way. The way in which these categories are related and/or omitted is particularly meaningful when considered at the light of recent feminist academic discussions. This debate increasingly rejects the necessary centrality of gender and requires the incorporation of “other” categories of social differentiation as fundamental marks to be incorporated in the analysis.